

QUESTÕES IDENTITÁRIAS, ECOLÓGICAS E TECNOLÓGICAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Rosilene Silva de Mouraes;

Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia - DE- CCAE – UFPB

rosilene.mouraes@gmail.com

Waldicélia Silva de Brito;

waldicelia_93@hotmail.com

Célia Regina Teixeira;

Docente do Curso de Pedagogia - DE - CCAE - UFPB

cel.teix54@gmail.com

RESUMO

Compreender o cotidiano escolar é bastante complexo e, direcionar para compreender as questões identitárias, ambientais e tecnológicas é de grande importância para considerarmos esses fenômenos no contexto educacional. A identidade é particular e ao mesmo tempo coletiva, por isso a necessidade de respeitá-la. A consciência ecológica é considerada um dos pontos mais importantes para a humanidade. Os conceitos de ensino/aprendizagem apresentados pelas escolas podem ser adaptados aos meios tecnológicos para suprir as necessidades da atualidade. Um aluno termina a tarefa antes dos demais. Com vistas a sua ação docente, como replaneja o seu dia? Diante dessa e outras situações, vistas no cotidiano das salas de aulas enxergamos como acontece às soluções de problemas. A pesquisa optada foi a de campo e bibliográfica respaldada na leitura dos teóricos que abordam a temática. E com base na pesquisa pudemos expor que necessitamos agir rapidamente e conscientemente diante da organização da sociedade moderna.

PALAVRAS – CHAVE: Cotidiano Escolar; Identidade; Consciência Ecológica; Meios Tecnológicos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu no grupo de trabalho (GT) no âmbito curricular denominado Seminário Temático em Educação do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na UFPB, *campus* IV, litoral norte, Mamanguape – PB, no ano de 2013, tendo como orientadora a Profa. Dra. Célia Regina Teixeira. Os grupos tiveram como foco de discussão a identidade, as questões ambientais e os artifícios tecnológicos no cotidiano escolar. A pesquisa realizada no componente curricular Estágio Supervisionado I também nos permitiu conhecer a prática educativa diante das situações-problemas que perfazem o cotidiano. Esta pesquisa foi realizada com base teórica em livros e artigos da internet atrelado com a pesquisa de campo via observação nas escolas públicas do Vale de Mamanguape - PB. A leitura dos textos,

debates e a observação foram socializados de forma coletiva entre os graduandos do quarto período do Curso de Pedagogia.

Com as pesquisas verificamos que a identidade é construída ao longo do tempo e se dá pela relação dos sujeitos com o mundo, podendo essa ocorrer de maneira individual e coletiva ao mesmo tempo, via experiências que são sentidas e compartilhadas com alguém. No tocante as questões ecológicas, o ser humano precisa mais do que tudo pensar nas soluções para os problemas, não apenas enxergá-los. O importante é a reflexão diante das nossas ações. Referente aos meios tecnológicos, faz-se necessário inverter a concepção de que ensino e aprendizagem acontecem somente na sala de aula e com a reprodução dos mesmos recursos materiais. Pelo contrário, existem diversas alternativas para efetivá-las. Todas essas questões estão ligadas ao cotidiano e, é fundamental que o professor passe a perceber o contexto de sua sala de aula, entendendo sua particularidade. Essa particularidade pode ser observada e deve ser atentamente considerada quanto ao tempo e espaço que cada aluno esta inserido. Um aluno termina a tarefa antes dos demais. Alguns alunos não sabem os conteúdos. Há crianças com deficiência na sala de aula. A garotada só responde sim ou não. A turma resiste a uma atividade nova. A classe está muito adiantada. Uma criança se nega a participar da aula. Alguns alunos se desentendem. A atividade proposta não desperta interesse a turma. As formações de grupo não funcionam na sala de aula para realizarem atividades. Um aluno tem uma atitude inadequada e desrespeitosa. Você é surpreendido por uma pergunta. Com vistas a sua ação docente, como (re)planejar seu dia? Como (re)agir? Como (re)veria em seu plano diário a situação? É portanto foco de reflexão desse trabalho fornecer “respostas provisórias” a estas questões que são de suma importância para a nossa formação inicial. Estas e outras perguntas foram feitas aos professores em exercício das escolas públicas do Vale de Mamanguape – PB. A fundamentação teórica trará conceitos que possibilita uma visão crítica e reflexiva para com a realidade dessas escolas.

Ao considerar a identidade do outro estamos respeitando a nós mesmo, uma vez que a pesquisa nos revela que, estamos sempre nos comparando com o outro, julgando sermos iguais ou diferentes, tanto nos gestos, na fala quanto no modo de pensar, entre outros comportamentos (Passos, 2009, p. 22). A educação ambiental precisa ser trabalhada nas escolas constantemente para propor, na medida do possível, mudanças nas atitudes dos educandos e, com isso, toda a comunidade escolar com vistas à sustentabilidade do planeta. Por fim, a pesquisa nos mostrou que o professor tem um leque de alternativas a serem utilizadas na sala de aula para aumentar o nível de aprendizagem e de posicionamento nele e nos seus alunos. Com isso, este trabalho apresenta um balanço da importância do

conhecimento acerca das questões identitárias, ecológicas e tecnológicas e nesse contexto, conhecer algumas posturas diante das diversas situações presentes no cotidiano de professores atuante em nossa realidade. Com esta pesquisa teremos a oportunidade de, embasados teoricamente, assumir uma postura diferente diante das situações/problemas constantes no cotidiano das escolas públicas brasileira.

PROCESSOS IDENTITÁRIOS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ARTIFÍCIOS TECNOLÓGICOS NO COTIDIANO ESCOLAR: a prática docente na resolução de problemas.

O presente artigo aborda inicialmente as questões de identidade, trilhando para uma discussão sobre a relação com o outro e como o meio em que vivemos. Defende que as relações de pertencer no mundo e para o mundo é importante para construir nossa experiência de vida. Com estamos em inteira conexão por onde trilhamos, a escola é um espaço privilegiado, mostrando como a escola é fundamental na relação entre as pessoas, por ser um ambiente que proporciona a ampliação do conhecimento. Na relação professor/aluno é fundamental o respeito e a confiança, mas, o esforço e o desejo pela ação educativa é um fator indispensável para o “cumprimento ético do dever como professor”, uma vez que não se pode deixar os sentimentos sobressair suas obrigações como educador, “orientador para construção do conhecimento” (RAMOS e PORTO, 2012). Essa relação diz respeito a ação e a troca entre os sujeitos e, de acordo com Souza (2005) *apud* Ramos e Porto

[...] como humanos, procuramos nas relações com os outros, algo que nos falta. O aluno não vai à escola somente para aprender conteúdos, bem como o professor, que ao fazer opção pelo magistério, busca algo para além do profissional, também pessoal e da instância da emoção. Portanto, o processo de aprendizagem pode ser beneficiado, quando professor e aluno buscam conhecimento mútuo de suas necessidades, têm consciência de sua forma de se relacionar e percebem as diferenças de cada um ao se relacionar com o outro” (2012).

Com base nessa afirmação, ao perguntarmos a uma das professoras que compõem o universo pesquisado: vejamos como agiria a entrevistada, com vistas a sua ação docente, caso uma criança se negue a participar da aula:

Busco incentivos e procuraria conhecer um pouco do dia a dia fora da sala de aula (Professora A).

Neste contexto, deve existir uma relação entre o professor e o aluno com empenho e fins que possam levá-los a uma relação de respeito, de confiança, de afetividade, mas sem deixar que isso interfira no desenvolvimento autônomo de cada um. Segundo Piaget *apud*

Ramos e Porto “emoção e aprendizagem não andam separadas, mas alternam-se em uma mutualidade. Portanto, a relação do professor com o aluno é uma relação onde inúmeras emoções são suscitadas. Para o professor saber interpretar comportamentos de alunos assim como sua relação com os pais, à sociedade e eles mesmos é um instrumento importante no processo de aprendizagem” (2012). Diante disso, perceber o ambiente da sala de aula é fundamental para entender que os processos identitários são complexos e estão ligados também a nossa visão sobre o outro. Na fala da professora entrevistada sobre como agiria caso houvesse crianças com deficiência na sala de aula? Ela nos relatou que:

A mudança de comportamento do professor diante desses alunos compromete a sua integração e socialização à turma. Suas tarefas diárias não podem ser diferentes dos demais alunos; o professor avalia e aproveita qualquer que seja o desempenho do mesmo (Professora A).

Ramos e Porto destacam que um dos aspectos na interação professor e aluno é a disciplina, que é aceita livremente pelos indivíduos, regulando o seu comportamento, que é construída mediante o diálogo, as regras e princípios que são elaborados para serem eficazes na construção de um grupo (2012). A identidade de um grupo, ou do indivíduo é construída nas suas relações e, segundo Passos as práticas, as histórias de vida de um grupo social são vistas no modo de fazer, nos rituais, na música, nas danças, nas rezas, na comida, no trabalho, no divertimento e, essas experiências podem ser produzidas e transformadas através das próprias experiências. Quando a questão é o diálogo, vejamos como a professora entrevistada agiria se alguns alunos se desentendessem na sala de aula:

Mediaria a situação de forma que, sem tomar partido promovesse a paz entre eles, com abraços e apertos de mão (Professora A).

A identidade de uma pessoa ou grupo social pode, conforme Passos, aparecer em “um processo de identificação ou de negação de uma identificação”, depende do que a pessoa passou (2009). A experiência vivida individualmente vem carregada de intercessão externa e é a partir do outro que criamos a nossa imagem. Nos afirma Passos que “Assumimos um papel, um lugar social, na nossa relação com o Outro, significando o “jogo social” vigente. É o outro quem nos diz e é ele quem interfere na forma como nos percebemos no mundo”. Isto também pode acontecer com o uso simplesmente da palavra. Segundo Miller, as palavras são apenas parte da comunicação (2013, p. 26). Conforme Bakhtin (2004) *apud* Passos:

As palavras, não são apenas sinais com os quais procuramos enunciar os fatos, mas signos com os quais pronunciamos verdades ou mentiras; juízos morais, estéticos e políticos. “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico vivencial” (Bakhtin, op. cit. p.95). Por isso toda e qualquer palavra só pode ser lida, ouvida, compreendida a partir de um contexto histórico preciso (2009, p. 21).

Assumimos dessa maneira uma postura de deixar o outro interferir na forma como nos posicionamos na sociedade, por meio dos processos de silenciamento e invisibilidade, nos tornando vítimas de vários tipos de discriminação. De acordo com Todorov (2003) apud Passos “não é somente com armas que os conquistadores conquistam e dominam o mundo, mas, antes, com e pelas palavras. [...] A conquista do “Novo Mundo” de modo algum teria se efetivado sem a conquista das almas, sem a tentativa de apagamento da história dos milhares de ameríndios e negros africanos” (2009, p. 26). Contudo, o professor que reflete sobre sua prática docente não mostra uma postura discriminatória perante os educandos, mas trabalha visando a alteridade, que por sua vez é assumida pela identidade.

Para melhor entendimento, de acordo com CHRISTO (2011) o indivíduo que visa a alteridade, tem a capacidade de entender o outro na completude da sua dignidade, que deixa o outro apossar de algo que lhe pertence por direito e, sobretudo, da sua particularidade. Ainda destaca que “Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem”. Nossa intenção não é aprofundar na questão, apenas acreditamos ser essencial um olhar mais atento, sendo necessária uma reflexão, por parte dos indivíduos, em especial, do educador, em relação a se colocar no lugar do outro, o que acontece através do diálogo e do reconhecimento das diferenças.

Diante dessa necessidade de reflexão, discutiremos agora sobre a crise ambiental, por ser esse um tema universal e por ser do interesse de todos há emergência em requerer atenção. Essa crise ambiental é consequência de vários fatores, destacamos que um dos mais abordados é referente à organização socioeconômica globalizada como também o crescimento populacional desordenado (ALVES, 2009, p.27). Porém, com as leituras dos textos nos remetemos a pensarmos que apenas apontar causas não adiantaria diante dessa problemática mundial, pois essa é uma situação complexa. Portanto é necessário que se busquem alternativas para que tentemos amenizar tais problemas. As crises ambientais que afetam toda raça humana são interligadas e interdependentes, por esse motivo não podem ser interpretadas de maneira individual, pois demonstraria a superficialidade das reflexões e ações, se pensássemos como alternativas que viesse a solucionar apenas problemas locais.

A proposta é que a sociedade reavalie a atual organização social, política e econômica, que como sabemos acontece de forma hegemônica. Propostas já existem, mas não são frequentemente discutidas nas instituições escolares. Essa proposta apresentada tem a finalidade de estabelecer para a sociedade em si uma nova visão de mundo, em que o processo de desenvolvimento está voltado para o ser humano e não para os objetos, ou seja, parte da

ideia de que o homem é um ser de múltiplas facetas e que essas precisam ser valorizadas, e como ALVES nos diz, esse deve ser o objetivo da educação ambiental. Assim, no livro em que a autora cita sob o título de *desenvolvimento em escala humana: conceitos, aplicações e algumas reflexões*. Os autores defendem que:

Necessidades humanas, autodependência e articulações orgânicas são os pilares fundamentais que sustentam o desenvolvimento em escala humana. Mas para servir a seu propósito básico devem, por sua vez apoiar-se sobre uma base sólida. Essa base se constrói a partir do protagonismo real das pessoas, como consequência de privilegiar tanto a diversidade como a autonomia de espaços em que o protagonismo seja realmente possível (Max-Neef et al., 1993, p.30 *apud* ALVES, 2009).

Portanto, a luz dessas afirmações que percebemos que os seres humanos precisam ter como base as necessidades fundamentais, como também uma nova relação com a natureza que tenham a consciência de que os recursos naturais são finitos e necessitam de um tempo para se recuperar. Apontando que é fundamental também, que o homem tenha uma melhor relação com o outro, valorizando relações mais solidárias e justas, e que essas influenciem na luta por uma melhor organização social, política e econômica. Alves (2009) nos remete a pensarmos quais são realmente essas verdadeiras necessidades fundamentais, e como devemos entender essas necessidades como sendo finitas, poucas e classificáveis.

Para Alves (2009) a importância maior dessa afirmação é a inversão de valores quando se relaciona a opinião hegemônica. Partindo dessa controvérsia defendemos que é prioridade considerar essas necessidades, pois, sempre nos é ensinado nessa sociedade, que sempre aparecem novas necessidades, e que essas são infinitas, mas essas necessidades que nos impõe a sociedade quase sempre são necessidades materiais que são criadas para que se tenha um aumento significativo do consumo, fazendo com que aumente assim o lucro de quem produz. Assim os autores citados acima afirmam que “[...] as necessidades humanas fundamentais são as mesmas em todas as culturas e em todos os períodos históricos. O que muda, através do tempo e das culturas, é a maneira ou os meios utilizados para a satisfação das necessidades” (id., *ib. apud* ALVES, 2009, p.29).

Para os mesmos autores, as necessidades faladas ao longo dessa discussão são apenas nove “subsistência, proteção, afeto, entendimento, participação, ócio, criação, identidade e liberdade” (Max-Neef,1993, p.41 *apud* ALVES, p. 29). Nesta conjuntura, podemos perceber então, que depende de como essas necessidades são interpretadas por cada indivíduo, e quais eles queiram satisfazer. Na atualidade as necessidades com as quais os seres humanos se preocupam é de cunho material. E para se satisfazerem, são capazes de tudo, até de insultar, desrespeitar, entre outras, pois vivemos em um período onde “derrubar” o outro para crescer é

mais satisfatório do que crescer junto com ele. Diante disso, quando há nas relações, o desrespeito, vejamos como a entrevistada se pronunciou, diante de uma atitude inadequada e desrespeitosa de um aluno:

Entraria em contato com a direção da escola, para que me autorize a visitar os familiares, buscando conhecer dessa forma a raiz do problema (Professora A).

Para nos apoiar teoricamente nos utilizamos de RAMOS e PORTO por afirmarem que um dos fatores incluso na relação professor e aluno é a disciplina, pois envolve comportamentos tanto impostos quanto aceitos espontaneamente pela pessoa:

Quando imposta, temos a heterodisciplina, ou seja, disciplina de fora para dentro. Quando aceita livremente, temos a autodisciplina. Quando construída mediante o diálogo entre professor e alunos, as regras e princípios elaborados tendem a ser mais eficazes, uma vez que passa a ser entendida como uma construção do grupo. São combinados que regem a interação entre os pares e o professor, essenciais à dinâmica em sala de aula (2012).

Há outra questão apresentada por Max-Neef *apud* Alves (1993, p.29), que nos remete a reflexão, uma vez que para ele não existe pobreza e sim pobreza, ou seja, quando uma necessidade fundamental não é satisfeita gera um tipo de pobreza. Portanto, concluímos que existem pobreza por vários motivos, seja pela subsistência, ou por vivermos sem afeto, nem proteção; quando não percebemos que há uma vida que pulsa ao nosso redor e que precisamos vivê-la ou mesmo quando perdemos nossa liberdade para vivermos presos em “cavernas”, sem nos importarmos com o que há lá, ou ainda quando nos esquecemos de nós próprios ocorre a perda de nossa identidade.

[...] considero que a educação ambiental deve procurar estabelecer uma “nova aliança” entre a humanidade e a natureza, uma “nova razão” que não seja sinônimo da autodestruição e estimular a ética nas relações econômicas, políticas e sociais. Ela deve se basear em busca da tripla cidadania: local, continental e planetária., e da liberdade na sua mais completa tradução, tendo implícita a perspectiva de uma sociedade mais justa tanto em nível nacional quanto internacional (Max-Neef, 1993, p. 10-11 *apud* ALVES, p. 31).

Desta maneira, partindo para o âmbito educacional, nossas reflexões propõe uma educação ambiental, mas que não venha tratar apenas de transmissão de conhecimentos sobre ecologia, mais sim que possa incluir e estimular os sujeitos, demonstrando-lhes a importância de se discutir sobre a questão ambiental. Proporcionando aos sujeitos um maior interesse pelos problemas que afetam a natureza e que eles estejam cientes de que cabe a eles também o papel de mudar a realidade econômica, social e política; fazendo com que saibam lutar por seus direitos, mas também não deixando de executar seus deveres, para com a natureza e com

a sociedade. Por fim, pudemos observar que as questões ecológicas precisam e necessitam emergentemente de serem trabalhadas de maneira clara e objetiva, que todo e qualquer sujeito tem que estar cientes de que há problemas ambientais sérios, e que é importante que não deem preferência somente a problemas locais, mais também saibam trabalhar juntos para tentarem resolver problemas de esfera global. Assim sendo, cabe a nós lutarmos para que isso aconteça. Na fala da professora entrevistada quanto as formações de grupos, que ocorriam de maneira ineficaz na sua sala de aula ao propor a realização de atividades, ela nos aponta que sua ação ocorre assim:

Converso e sensibilizo os alunos para a vida em grupo (Professora A).

Nessa conjuntura, Menezes publica na Revista Nova Escola considerações acerca do trabalho em grupo, vejamos.

Na família e na vida profissional e social, é preciso saber se expressar, consultar, questionar, fazer planos, tomar decisões, estabelecer compromissos e partilhar tarefas. Essas ações, envolvendo aspectos práticos, éticos e estéticos, podem ser relativamente simples, como é o caso de escolher o que preparar para uma refeição ou um trajeto. Outras vezes, são complexas, como estabelecer prioridades num orçamento e atribuir responsabilidades na realização de um projeto. Na escola, atividades em grupo qualificariam para desafios como esses, tão necessários na vida social. Mas isso frequentemente esbarra em obstáculos.

Como podemos perceber a professora entrevistada incentiva essa relação e, promover o trabalho em grupo possibilita que o educando obtenha habilidades e/ou condições necessárias à vida. Para isso, o professor precisa realizar ações coletivas de maneira sistematizada, para não deixar dúvidas acerca do objetivo da proposta, uma vez que, não basta dedicar-se a atividades diversificadas, o aluno também tem que se sentir atraído e interessado.

No que se refere aos meios tecnológicos, à pesquisa vai abranger aspectos de suma importância para o processo de ensino e aprendizagem das crianças, uma vez que sugere alternativas que possibilitem ao docente a revisão de seus métodos e técnicas para que suas práticas educativas venham se efetivar de forma mais significativa para o desenvolvimento do educando. Partindo do pressuposto de que essa sociedade é pluralizada e possui um alto grau de complexidade além de estar em constante transformação, faz-se indispensável que o professor enquanto produtor de conhecimentos esteja sempre apto a receber e compreender novas propostas educacionais que evolucione meios para atingir uma educação de qualidade e não limitar apenas no pronto. É nessa perspectiva que CARMEM proporciona ao leitor a pensar numa sala de aula “como produção-variação-emergência de diferentes pontos de vista; como um espaço de produção de experiências; como uma comunidade narrativa” (2009, p.

33). Vejamos como a entrevistada, com vista a sua ação docente agiria para rever em seu plano diário a situação de alguns alunos que não sabem os conteúdos:

Busco alternativas junto a outros professores, na ocasião do planejamento coletivo sob a coordenação e supervisão da escola (Professora A).

É importante que o professor fique atento a essas manifestações, conhecer bem seu aluno pode contribuir no processo de ensino/aprendizagem. Souza *apud* Ramos e Porto tem uma breve explicação sobre o caso quando afirma que quando:

A criança aprende para atender à expectativa do professor de aprendizado dela, como também não aprenderá para não atender à essa expectativa, numa tentativa de chamar a atenção ao professor para diversas dificuldades que não sejam propriamente cognitivas, como a dificuldade de socialização, dificuldade de adaptação, ou dificuldade de satisfazer as exigências dos pais. O não aprender pode ser um grito de socorro que a criança faz ao professor, para que esse a ajude (2005).

Através da pesquisa realizada por CARMEN, no qual teve o intuito de produzir um filme, com as crianças da baixada Fluminense cujas famílias são catadores de lixo, percebemos a problemática existente no cotidiano escolar e o pensar reflexivo dos educadores, ao enfrentarem esses desafios com uma ótica voltada para superação, crescimento e desenvolvimento desses pequenos formandos, cujo estão sujeitos a expor sua saúde em busca da sua sustentabilidade, no qual são desvalorizados pela sociedade, tratados como lixos, ou seja, sem dote moral, físico ou intelectual. Conforme CARMEN.

Trabalho com o lixo é atualmente a única alternativa para as pessoas que não se encaixam nos padrões de formação exigidos para empregabilidade: capacidade de se manterem aptas para o mercado de trabalho, segundo as tais sete competências: preparo técnico; capacidade de liderar pessoas, habilidade em marketing e em vendas, capacidade de utilização dos recursos tecnológicos, aparência agradável e adequada (2009, p. 34).

O despertar da autora de compreender e possibilitar alternativas que desempenhe aprendizagens com êxito no processo educacionais das crianças de forma diferenciada, proporciona ao leitor o desejo, sentimentos de esperança e expectativas de mudar sua postura diante da sala de aula, no sentido de inovar aquilo que não esta dando certo, em que se deve prezar por sua autonomia didática, visto que é uma necessidade particular do mesmo, que almeja conseguir de uma maneira efetiva o objetivo de fundamentar suas decisões e proporcionar uma aprendizagem de qualidade, ou seja, favorecer ao educando uma aprendizagem construtiva, do valor humano, evitando constrangimentos preconceituosos e habilidades favoráveis em seu processo educativo. Segundo PÉREZ

A câmera na sala de aula não significa uma estratégia pedagógica, mas uma tática de enfiamento – uma forma de violentar a ordenação lógica da

cidade dos letrados, em que a única possibilidade de saber é pela letra: primeiro aprender a ler e a escrever depois aprender o conhecimento (2009, p.36).

A simples câmera sugerida pela autora na sala de aula não significa apenas uma estratégia como afirma, mas uma possibilidade de desenvolver um aprendizado por meios de técnicas diferenciadas, questionando os letrados de que a aprendizagem não se limita apenas a ideia de que primeiro deve-se conhecer a leitura e a escrita para depois obter o conhecimento. Seguindo PÉREZ (2009), a câmera enquanto equipamento de suporte pedagógico, ao ser trabalhada na sala de aula desperta nas crianças a vontade de conhecer o diferente e proporciona o desejo de buscar entender o desconhecido, vivenciados em liberdade, induzindo-o assim, a transcrever seu entendimento para a escrita. De acordo com PÉREZ (2009) “No filme, as crianças (re)inventam os textos cotidianos de suas vidas, combinam fragmentos e preenchem o vazio do “não-sabido”. Neste contexto, a professora entrevistada apontou que considera excelente recurso e uma nova possibilidade e que:

Adaptaria essa atividade a outras já vivenciadas por eles (Professora A).

Considerando o apontado e o que RAMOS e PORTO aponta, consideramos que o professor precisa fazer uma ligação entre o seu conhecimento e o conhecimento organizado culturalmente de cada educando. “Educá-los para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos mesmos e a sua formação cidadã, inculcando-lhes a consciência de seus deveres e de suas responsabilidades sociais” (2012).

Nesse caso, o professor não pode se contentar unicamente com o que o aluno já sabe fazer, nem tão pouco pode achar que detém a verdade absoluta, mas deve sempre procurar inovar, se reciclar e buscar novas alternativas, ou seja, novos meios de ampliar seus horizontes tornando sua formação sempre continuada, que possa assim desenvolver metodologias voltadas para a aprendizagem do educando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada através do componente curricular Seminário Temático em Educação, as entrevistas e observações na disciplina de Estágio Supervisionado I, com professores em exercício nas Escolas Públicas do Vale de Mamanguape – PB nos permitiu expor que muitas coisas precisam ser (re)vistas na prática docente e, a experiência de vivenciar esse cotidiano é essencial para nossa formação, uma vez que tomamos

conhecimento acerca da realidade das escolas e do contexto que estão inseridas. Observar as práticas docentes de diferentes professores e como acontece à rotina frente às situações de relações sociais e pessoais, nos ajudam, de forma significativa, desenvolvermos um trabalho diferenciado, por se respaldar no conhecimento de maneira crítica do contexto e sua realidade. Considerando todas essas mudanças que está acontecendo na sociedade, os profissionais da educação não podem se apegar a métodos arcaicos que não atentem para transformar a realidade.

Diante da pesquisa feita em relação às questões identitárias, ecológicas e tecnológicas – fio condutor desta pesquisa – e as observações feitas, evidenciou - se que cada vez mais o profissional da educação necessita buscar sempre incentivar, tanto o respeito com os demais, quanto com o ambiente. O docente precisa refletir sobre sua prática e buscar novas formas de ensinar, que possibilite nos educandos um desenvolvimento intelectual capaz de pensar sobre as crises e desafios da sociedade. A sensibilidade perante as questões ecológicas, frente às particularidades do cotidiano é de suma importância e uma questão emergencial. A consciência humana é hoje um dos maiores desafios da humanidade e é isso que devemos mostrar aos sujeitos. A escola precisa transformar o sujeito em um humano consciente e sensibilizado e nós como futuros pedagogos, temos de auxiliar a mudança de realidades enraizadas e sedimentadas.

Apesar de complexo, devemos nos esforçar para fazer com que nosso trabalho, nossa prática docente evolua e amplie as possibilidades de aprendizagem dos educandos, corroborando para chegarmos a um nível de qualidade propício a essa sociedade contemporânea, cujo foco é o conhecimento, as habilidades e competências do sujeito. Com isso, também o ensino dos valores e das questões da sensibilidade. Precisamos fazer do ambiente de trabalho um espaço de descoberta e conhecimento, de avaliação constante acerca das situações presentes nas instituições, de reflexão frente às necessidades educacionais, de valorização e/ou reconhecimento do outro, constituindo-se num espaço que busque o trabalho coletivo e participativo, entre outros fatores essenciais da prática pedagógica.

Com base nas reflexões alinhavadas na fundamentação teórica, que exploramos antes de seguir para as entrevistas nas escolas no período do Estágio, temos como primordial resgatar a educação e impedir que continuem as práticas que indispõe de ideias transformadoras. É prioridade para o futuro que o sujeito desenvolva sua potencialidade, suas habilidades mentais e que nas suas ações demonstrem seus valores e propiciem mudanças de atitudes. Enfim, nos tempos de hoje a formação do Pedagogo é de suma importância para conseguirmos agir de maneira correta diante das questões e situações do cotidiano escolar e

promover um salto na qualidade da educação no Brasil, iniciando por mim e por uma sala de aula conectada com o planeta.

REFERÊNCIAS

PASSOS, Mailsa Carla. TV ESCOLA. **Salto para o futuro - cotidiano, imagens e narrativas** - pgm.1 - Identidades em mudança no cotidiano. Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=5598. Acessado em 07 de outubro de 2013.

ALVES, Neila Guimarães. TV ESCOLA. **Salto para o futuro - cotidiano, imagens e narrativas** - pgm.2 - Questões ecológicas no cotidiano. Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=5602. Acessado em 07 de outubro de 2013.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. TV ESCOLA. **Salto para o futuro - cotidiano, imagens e narrativas** - pgm.3 - A criação de tecnologias no cotidiano. Disponível em: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_zoo&view=item&item_id=5601. Acessado em 07 de outubro de 2013.

RAMOS, Lízia; PORTO, Amélia. **Interações professor/aluno no contexto escolar**. Disponível em: <http://portoconsultoriaetreinamento.blogspot.com.br/2012/06/interacaoprofessoralno-no-contexto.html>. Acessado em 07 de outubro de 2013.

MILLER, Karen. **Como lidar com as diferenças culturais na escola**. Revista Pátio-Educação Infantil. Grupo A: Porto Alegre, RS - Ano XI nº 36, Julho/Setembro 2013. p. 26.

CHRISTO, Carlos Alberto Libânio. **Alteridade**. Disponível em: <http://www.revolucoes.org.br/v1/conferencia/alteridade>. Acessado em 20.05.2014.

MENEZES, Luis Carlos de. Nova Escola. **O aprendizado do trabalho em grupo**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/aprendizado-trabalho-grupo-451879.shtml>. Acessado em 20.05.2014